

CANUDOS: DA PERSEGUIÇÃO AO MASSACRE

Narapoam Soares de Souza¹

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo descrever a situação social da comunidade de Canudos, a falta de oportunidades desses sertanejos durante décadas e o descaso das autoridades que os vitimaram. Para a sua realização, utilizou-se metodologicamente da pesquisa bibliográfica. A história de Canudos começa oficialmente por volta de 1893, no arraial de Canudos, no vale do rio Vaza-Barris, no interior da Bahia, reuniu-se um grupo de fiéis seguidores do beato Antônio Conselheiro, que chegou à Bahia por volta de 1876 e iniciou sua missão, pregando a vinda do Messias que traria dias melhores para quem o seguisse. Este foi um período de grande seca no sertão e durou de 1877 a 1879 que levou os sertanejos a migrarem em busca de sobrevivência e fugindo da sede e da fome. Em 1896, o arraial de Canudos já possuía cerca de 15 mil sertanejos que viviam de modo comunitário e sobreviviam com a criação de animais e plantações.

Porém o seu crescimento incomodou ao Governo e a Igreja Católica e assim lhe sobrevieram quatro grandes massacres que reduziram a história daquele povo a ruínas e vestígios de violência num cenário devastador. Os esforços dos canudenses não foram suficientes, entretanto “Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história resistiu até o esgotamento completo. Expugnado, palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram seus últimos defensores” Cunha (2003, p. 359).

Diante desse contexto, o presente artigo teve como aporte teórico Facó (1980); Cunha (2003), Barsa (2011) entre outros e possibilitou-nos a realização de uma vasta pesquisa sobre o tema, redimensionando nossos conhecimentos. Desta forma, considera-se pertinente a produção do presente artigo e espera-se que traga contribuições para os interessados no tema.

2 METODOLOGIA

Quanto à metodologia, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos, dentre outros.

¹ Graduado em História pela Universidade Funeso Unesf – Olinda PE. Especialista em Geopolítica e História pela FIP – Faculdades Integradas de Patos - Patos – PB. Especialista em Docência do Ensino Superior pela UCAN – Universidade Cândido Mendes – Rio de Janeiro. Mestrando em Educação e Ciências pelo Atenas College Universit – Polo Recife – PE. E-mail: narapoamsoares@gmail.com.

Seguindo essa abordagem, este trabalho foi elaborado e desenvolvido no intuito de melhor compreender aspectos históricos relativos à Comunidade de Canudos.

Depois de definir o tema e objeto de pesquisa, procuramos referências teóricas a ele relacionados. Segundo Metring (2009, p. 63) a pesquisa bibliográfica “[...] tem a finalidade de conhecer as diferentes formas de contribuição científica já realizada sobre determinado assunto, visando encontrar dados atuais e relevantes sobre o tema investigado”.

Outro aspecto abordado pelo autor é que a pesquisa bibliográfica se baseia em materiais anteriormente elaborados e publicados sobre o tema, especialmente disponíveis em livros ou artigos, constituindo-se como base para qualquer tipo de pesquisa. Ao tratar da pesquisa bibliográfica Marconi e Lakatos (2011) afirmam que ela traz a possibilidade do pesquisador ter um contato com os conhecimentos construídos por outros que pesquisaram a mesma temática.

Fazendo uma caracterização da pesquisa bibliográfica, Veloso (2011) diz que ela é organizada em várias fases. São elas: escolha do assunto, definição e organização do plano de trabalho, identificação, localização, compilação e fichamento do assunto e das informações pesquisadas, além da análise, interpretação e redação do próprio trabalho. Foram esses os passos que seguimos na elaboração do presente trabalho. Os resultados serão apresentados no próximo capítulo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 COMO SE FORMOU O ARRAIAL DE CANUDOS

3.1.1 Contexto Histórico e Social, o Flagelo da Seca

Para que se compreenda a formação de Canudos é necessário conhecer o contexto histórico e social que o envolve. No período de 1877 a 1879 o grande flagelo da seca do Sertão Nordestino, assolou toda a Região, acabando com as plantações e impossibilitando a colheita dos agricultores. Além disso, matou os animais e deixou vazios os reservatórios de água. O povo tornou-se andarilho, errante, tendo migrantes ávidos por melhorias, esse deslocamento é descrito por Ruí Facó (1988) como emigração em larga escala pois era grande o número de pessoas que abandonavam suas terras, mesmo sem um alvo certo.

Além disto, durante o ciclo da borracha em 1878, muitos sertanejos foram levados para trabalhar nos distantes seringais da Amazônia em situação de verdadeiros escravos. Segundo Facó: “[...] o mercado de gado humano esteve aberto enquanto durou a fome [...]”.

Raro era o vapor que não conduzia grande número de cearenses para os campos de trabalho da extração de borracha. Os homens livres tinham virado escravos (FACÒ, 1980 p. 22).

3.1.2 Antônio Conselheiro, o Grande Líder

Antônio Mendes Maciel, natural da cidade Quixeramobim no Estado do Ceará, era homem culto e trabalhou em algumas cidades do seu Estado. Porém, enfrentou problemas pessoais com a esposa a qual foi acusada de adultério pela genitora dele. Mas, segundo alguns relatos, Antônio Maciel não acreditou na acusação, antes descobriu que a sua mãe vestiu-se de homem para acusar a nora. Por isto ele mesmo a teria assassinado e por este motivo precisou trocar de vida e de localidade, mudando-se para a Bahia, onde procurou a vida religiosa.

Posteriormente, em 1877 foi preso e condenado pela policia baiana sob a acusação do duplo assassinato da mãe e da esposa, e, após cumprir a pena, retornou ao Ceará. Nesse período já era chamado de “Antônio Conselheiro”. Antônio Maciel dedicara-se a vida religiosa, gostava de ler e meditar, se tornou ainda mais culto, já sabia bem o latim e lia a Bíblia com frequência, tendo-a como livro predileto. No campo político era um Forte defensor da Monarquia.

3.1.3 A Chegada do Conselheiro a Belo Monte

Por volta de 1874, Conselheiro e seus seguidores chegam ao Arraial em Belo Monte no Estado da Bahia. Os andarilhos se instalaram às margens do Rio Vaza-Barris em uma fazenda abandonada. A comitiva era composta por homens livres ex-escravos, colonos, crianças e mulheres, todos em busca de oportunidade para sair do estado de privações e dificuldades em que estavam. Segundo Mello (2014 P.83): “É nesse mundo de folhas secas e de pedras, de homens encontrados e de mentalidades medieval, [...] desapegado de uma existência terrena de tudo e de olhos postos na miragem da vida eterna”. Melo aqui descreve os homens seguidores do Conselheiro como miseráveis que não tiveram na vida terrena venturas e se agarram nas ideias defendidas pelo seu líder, que previa um futuro promissor na eternidade e que também seria possível construir em Canudos uma comunidade igualitária, irmã, onde se cultivasse para o bem comum naquela terra produtiva e próspera.

A princípio Conselheiro e seus seguidores chegaram à região fazendo benefícios, restaurando as obras públicas, foram ganhando popularidade e até a Igreja os via com bons olhos. Isso devido às reformas nas capelas, construção de novos templos e ainda levantaram os muros dos cemitérios. Dessa forma não incomodavam ninguém nem era incomodados.

3.2 A REVOLTA DE CANUDOS, PERSEGUIÇÃO E MASSACRE

3.2.1 Os Motivos do Conflito

A organização e crescimento de Canudos provocou insatisfação da Igreja Católica, pois via os seus fies seguindo o Conselheiro. Também provocou revolta dos coronéis cujos trabalhadores também se desertavam frequentemente para o Arraial. Além disso, o governo da Bahia não os via com bons olhos o aumento da popularidade de Antônio Conselheiro e o fortalecimento do seu grupo de seguidores. “O crescimento do povoado de Canudos passou a incomodar o governo da Bahia e a Igreja Católica, que viam com maus olhos tanto a ascensão da cidade de Belo Monte quanto a popularidade de seu líder, Antônio Conselheiro” (BARSA 2011, v. 3, p. 37).

Os coronéis não davam tratamento adequado aos seus trabalhadores que estavam fugindo frequentemente para o arraial. No Arraial foi criada uma norma própria, por estas leis se regiam. Em contrapartida o governo aumentou a cobrança de impostos, que foi alvo de protestos pela população de Canudos. A Igreja destinou uma missão a Canudos na qual os frades que a compunham abordavam a população orientando-os a se dispersarem e deixarem a liderança do Conselheiro, pretendia com essa missão enfraquecer o movimento ou mesmo acabar com a liderança do beato. Entretanto, a missão não obteve êxito pois o povo não deu ouvidos aos frades. Pelo contrário, trouxe maior preocupação para a igreja, pois os frades ficaram sabendo que a população de Canudos estava armada, treinada e disposta a defender seus interesses com bravura se fossem atacados.

3.2.2 As Quatro Expedições

Depois disto, espalhou-se um boato de uma possível invasão dos canudenses a cidade de Juazeiro, o governador ficou temeroso e organizou a Primeira Expedição para Canudos visando acabar com aquela comunidade. Segundo Mello, 2014, p.113 “A pedido do governador Luís Viana, o general Frederico Sólton de Sampaio Ribeiro, comandante do Terceiro Distrito Militar, manda organizar expedição que se desloque de trem até Juazeiro”. Nessa primeira expedição esteve no comando o tenente Manuel da Silva Pires Ferreira, com 100 soldados, mas, não tiveram sucesso contra os canudenses em Uauá, onde os enfrentaram pois os sertanejos demonstraram uma tática superior e conheciam bem o local.

Após a derrota o governador não desistiu do objetivo e enviou a Segunda Expedição que contou com 600 soldados armados com canhões e metralhadoras, um verdadeiro arsenal

de guerra, mas, para a sua surpresa, houve um novo fracasso. Os sertanejos ali organizados já era um grande número e usavam a vegetação local para planejar emboscadas e ataques inesperados pelo grupo do governo. Para piorar a fúria do governo a derrota se tornou notícia. Como diz a Barsa (2000, v. 3 p. 38) “[...] os insucessos consecutivos deram margem para que a imprensa divulgasse que a República estava em perigo”. Não demorou para outro ataque ser planejado e com mais reforço estratégico, na tentativa de vingar-se de tamanho vexame.

A Terceira Expedição teve no comando o temível coronel Moreira César segundo a Barsa (Idem) “o coronel Moreira César era chamado: “Treme-Terra e Corta-Cabeças”, fama da época da Revolução Federalista”. Veio cheio de confiança e fúria, com mil e duzentos soldados da infantaria e cavalaria e quatro canhões, mas foi morto em emboscada pelos canudenses. Isto aumentou ainda mais o sentimento de ódio do governo pelo Conselheiro .

Em março de 1897 foi organizada a Quarta Expedição com ordens de acabar com a história de Canudos. Conforme a Barsa (Ibidem) “Com a participação tropas vindas de onze Estados da Federação, sob o comando do general Artur Oscar.” Desta feita a tropa veio arrasando quem estivesse na frente. Mesmo após terem matado o Conselheiro não pararam com o massacre até a extinção de todo o Arraial, pouco sobrou ou quase nada, apenas velhos mulheres e criança, as casas queimadas, tudo foi destruído. Para comprovar o sucesso da expedição, desenterram o cadáver do Conselheiro, cortaram a sua cabeça e enviaram para Salvador.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revolta de Canudos pode ser considerada como um massacre que até hoje estar ainda presente no cotidiano de muitas minorias que são massacradas por quem se acha no poder e insiste em oprimi-los. Há ainda a necessidade de organização entre os diferentes grupos da sociedade para lutar por seus interesses e defender seus ideais. Desta forma consideramos importante o esclarecimento que se tornou possível neste artigo, embora não se tenha esgotado o assunto.

Entendemos também que é preciso promover uma sensibilização entre os historiadores e docentes que atuam nesta área, com vistas à promoção de uma leitura crítica e investigativa da história. Em uma sociedade com mudanças constantes, se faz necessário que o indivíduo desenvolva integralmente suas capacidades e seus objetivos; que amplie profundamente seu universo de conhecimento pois assim poderá ter uma visão global da história.

REFERÊNCIAS

BARSA. Planeta Internacional LTDA. **História do Brasil: Da República até a formação de Brasília**. 2. ed. Vol. III. São Paulo: Barsa Planeta Internacional Ltda, 2011.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos gênese e lutas**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização. Brasileira, 1980.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MELO. Frederico Pernambucano de. **A Guerra Total de Cnudos**. 3.ed. ver. E ampl. São Paulo: Escrituras Editora, 2014.

METRING, Roberte Araújo. **Pesquisas Científicas: planejamento para iniciantes**. Curitiba: Juruá, 2009.

VELOSO, Waldir de Pinho. **Metodologia do trabalho científico**. Normas técnicas para redação de trabalho científico. 2. ed. Revista e atualizada. Curitiba: Juruá Editora, 2011.